

Seção: Resenhas**AS TRADIÇÕES E RUPTURAS DE "CADEIA: RELATOS SOBRE MULHERES"****Luna Borges Pereira Santos¹**

Os nomes das mulheres presidiárias presentes em "Cadeia: relatos sobre mulheres" são fictícios; as mulheres e suas histórias são **verdadeiras**. Apesar da linguagem literária utilizada para descrever o itinerário carcerário e precariedade de vida de cada uma delas, o livro parte de um trabalho de pesquisa pautado por normas acadêmicas tradicionais e incorpora perspectivas feministas na ciência.

A tradição acadêmica que embasou a escrita deste livro se justifica, porque Debora Diniz – professora da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília e pesquisadora do Instituto de Bioética (Anis) – percorreu mais um de seus sólidos caminhos no fazer científico: realizou entrevistas e um censo no presídio feminino da capital do país, conhecido como Colmeia; publicou relatórios e artigos nos moldes prescritos pelos manuais de metodologia.

Os números que encontrou pela análise dos dados coletados explicitaram de forma particular o que algumas das pesquisas críticas sobre a movimentação do sistema penal indicam: mulheres encarceradas são marcadas por um longo percurso de abandono. E quem são essas mulheres encarceradas no presídio feminino da capital? Com os dados do censo de 2012, a pesquisadora mostra que uma em cada quatro das sentenciadas por regime fechado já havia passado por medidas socioeducativas de internação na adolescência; “na multidão, são pretas e pardas (67%), têm pelo menos um filho (80%) e estão envolvidas com infrações relacionadas ao tráfico de entorpecentes (69%)” (Diniz e Paiva, 2014: 8).

Os números são frutos da pesquisa quantitativa realizada no presídio. O livro “Cadeia: relatos sobre mulheres”, por sua vez, relata cinquenta histórias de mulheres, escritas a partir de

¹ Bacharela em Direito e mestranda em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UnB).

uma etnografia realizada pela autora da vida miúda de mulheres no singular que eram atendidas no Núcleo de Saúde do presídio. Mediada pela escolta (ou *colete preto*, nos termos da obra), e junto a algum representante dos *jalecos brancos* – ora o assistente social, ora a psicóloga ou a médica do presídio –, Diniz optou por apenas ouvir os atendimentos e anotá-los em seu caderno de campo.

A gestão da vida que acontece no presídio — *no dentro*, de acordo com os termos da obra — já nos é apresentada nas primeiras histórias. A triagem que resume o acolhimento das quartas-feiras, dia em que o *bonde* desce para apresentar as provisórias aos *jalecos brancos*, é composta por “perguntas sobre os descaminhos do *fora*: se a provisória usa drogas, se os remédios são companhia para dormir e, na surpresa de ouvir ‘Não’ às drogas e aos remédios, [D. Jamila, a psicóloga do presídio] assunta sentimentos sobre a chegada ao presídio” (Diniz, 2015a: 15).

O senhor encarregado pelo trabalho de *Inteligência* do presídio, por sua vez, controla diariamente o que pode

integrar o dentro, em forma de cartas, saudades, tristezas e solidão. A autora descreve também o que entra pelas grades como sigla para sobrevivência, a *COBAL*; e os espaços vigiados e ainda mais restritos da prisão, como o *Seguro* e o *Isolamento*.²

Em seguida, são-nos apresentadas diversas histórias de mulheres e aqueles mesmos números do censo são corporificados em fragmentos biográficos marcados pela vida no crack, pela situação de rua, por violência doméstica, pobreza e choques com o poder punitivo. O modo pelo qual a autora concebeu o livro também é relevante para entender como o produto final se diferencia de outros trabalhos já realizados sobre encarceramento feminino: diariamente, das notas feitas a partir da escuta dentro do Núcleo de Saúde, Diniz fazia pequenas escritas para não perder a emoção transbordada no campo. Eram instantâneos da vida daquelas mulheres encarceradas, combinando suas histórias na multidão ou na singularidade. Apesar de serem mulheres parecidas entre si, cada história

² Segundo os modos de falar do presídio, *bonde* é a condução que leva, da delegacia, as presas ao presídio. O que, no Distrito Federal, ocorre diariamente. *COBAL*, por sua vez, é sigla para Companhia Brasileira de Alimentos, e, dentro do

presídio, significa tudo que entra para compor a sobrevivência das presas. A família, em geral, leva a *COBAL* em um saco transparente, às quintas-feiras (Diniz, 2015a: 215 e 216).

possui uma narrativa própria, justificando o que se entende por histórias no singular.

Uma delas leva o título de “Avó” e descreve o itinerário de abandono da mãe que foi visitadora do filho no presídio por treze anos e, da filha, por oito. Ao saber de ameaça de morte ao filho por dívida não paga, tentou levar drogas para dentro do presídio em dia de visita. Atualmente, a avó encarcerada cumpre sua sentença de tráfico em área de segurança na Colmeia, mesmo presídio da filha; enquanto os sete netos são cuidados pela única filha sem crime e em liberdade — usando os termos da obra, aquela que vive no fora.

Os elementos da obra que passo a destacar são selecionados para caracterizar a principal novidade trazida pelo livro: a experiência etnográfica traduzida em “Cadeia: relatos sobre mulheres” enuncia na prática temas relevantes para a pesquisa feminista no que tange aos problemas de fala e representação. Alguns desses elementos provocam rupturas em relação ao fazer científico tradicional, tornando o livro um exemplo inovador que endereça, na própria escrita, o desafio de falar sobre mulheres muito distantes da realidade de uma pesquisadora.

O adjetivo “verdadeiras”, concedido no começo da obra às histórias contadas, é um dos primeiros pontos importantes a serem problematizados. A verdade de um discurso pode ser entendida como a integração de elementos discursivos e não discursivos. Dentre estes, a localização ocupada pela pessoa que fala é apenas um dos elementos que convergem para produzir significado e, então, determinar a validade epistêmica de uma enunciação (Alcoff, 1991).

Nesse contexto, o conhecimento científico é constantemente interpelado por críticas feministas, que questionam construções teóricas e políticas para determinar o que se entende como objetividade e verdade em pesquisa. Donna Haraway (1995) traz elementos importantes para mostrar como as feministas precisam apostar em explicações melhores do mundo: o conhecimento, sempre corporificado, deve ser situado e capaz de prestar contas sobre o que enuncia com apelo de real.

As exigências de se adotar um conhecimento situado no fazer científico transformam a realização de pesquisas por meios tradicionais — como entrevistas, instrumentos de coleta de dados e censos — em elementos

necessários, mas não suficientes para que qualquer enunciação seja considerada **verdadeira** e que transmita, pelo caráter constitutivo da leitura (Sartre, 2008) os sentidos buscados pela autora.

Diniz relata que as presas ignoraram sua presença silente vestida de preto: ela não foi interlocutora de histórias, e sim “anotadora do que era dito por cada uma das presas ao jaleco branco” (Diniz, 2015a: 11). As histórias possuem, assim, apelo de testemunho marcado por pedidos, necessidades, precisões de vidas que insistem em sobreviver. Por vezes, a autora descreve que precisou recorrer a uma pesquisa posterior em arquivos do presídio e a explicações dadas pela equipe da Colmeia, mas o trabalho de *escutadeira* foi a principal fonte das histórias de vida daquelas mulheres.

Apesar de não ter sido interlocutora das mulheres, Diniz apresenta na escrita a honestidade de não se confundir com qualquer umas das profissionais do Núcleo de Saúde, tampouco com a segurança do presídio. Isso não significa, entretanto, que deixou de reconhecer seu lugar de poder como pesquisadora.

Há passagens em que a autora inclusive levanta hipóteses sobre a relação entre sua localização e seu pouco entendimento da realidade vivida por algumas mulheres do dentro – o que representa, segundo Alcoff (1991), uma das formas mais eficazes de se explicitar, pela desconstrução da escrita, a localização privilegiada de uma acadêmica.

A autora de Cadeia conta as histórias por meio de termos utilizados pelas presas – termos que, ao nos serem apresentados, preenchem sentidos sobre a realidade do dentro. Esses significantes são organizados em uma seção no livro, sobre modos de falar do presídio, como uma das formas de nos mostrar que a posição social marginal, ocupada pela maioria das mulheres antes de serem encarceradas, também molda a linguagem do dentro.

E aqui se apresenta uma das rupturas marcantes na escrita do livro: Diniz utilizou métodos característicos de uma antropóloga confiável, mas a escrita próxima à literária e bastante prazerosa que utiliza para apresentar de forma crítica os relatos sobre mulheres é uma forma de rejeitar parâmetros acadêmicos de comunicação com estética e conteúdo que se pretendem neutros e objetivos.

A estética da escrita é certamente um ponto a ser evidenciado na listagem de rupturas da obra ao fazer científico tradicional, pois a autora não escreve de forma enfadonha, com termos próprios da academia; pelo contrário: o livro é um exercício de criatividade e comunicação que tem no prazer um adendo, mas que se apresenta como argumento para falar de vidas concretas e complexas em diversas cenas de injustiça e violência. E, pelo ato de generosidade da leitora descrito por Jean-Paul Sartre (2008), o livro provoca às leitoras, profundas emoções na tarefa de revelação do mundo.

Dessa forma, o rompimento com o jargão acadêmico se instaura nesse gênero de discurso seco, com poucos adjetivos, para também procurar acalmar as fronteiras entre o fora e o dentro, desmistificando o estereótipo de criminosa muito disseminado, inclusive, em cursos de direito. A autora utiliza sua posição de pesquisadora para falar em nomes e histórias de vidas **verdadeiras**: verdadeiras na tragédia, no sofrimento, em necessidade e até sobre prazeres dessas outras que existem para o fora apenas por seus encontros com poder punitivo. Diniz aplica na prática o papel de intelectual definido por Edward Said

(2005: 26) como a tentativa de falar ao poder sobre “pessoas e problemas que são sistematicamente esquecidos e invisibilizados”.

Pela linguagem fluida, sem diálogos diretos e incorporadora das expressões do dentro, a autora consegue nos emocionar com uma escrita que afasta a possibilidade da dor em abstrato das mulheres encarceradas, pois essas dores estão inseridas em marcos de poder que são mais perversos com mulheres, em geral, muito parecidas entre si, marcadas pelas desigualdades que um regime de gênero provoca (Diniz, 2015b). O livro, portanto, é uma produção acadêmica, mas cujo conteúdo pode ser acessado por pessoas que não compartilham do jargão próprio da *doxa* escolástica, nos termos de Pierre Bourdieu (2001).

Os sofrimentos descritos são fruto de observação etnográfica sensível e, ao mesmo tempo, representados por uma escrita situada, crítica em relação às ordens políticas específicas que permitem aquelas gestões da vida, na rua, no crack ou na prisão. Assim, a aproximação de fronteiras citada acima – entre o fora e o dentro – permite a conscientização da academia e de todas as demais pessoas que tiverem acesso ao

livro, sobre os regimes de precarização aos quais estão submetidas as mulheres encarceradas. Apoiada na concretude das histórias singulares, a obra oferece fortes argumentos sobre como se move o sistema punitivo em relação a mulheres diferentes, mas com marcadores sociais semelhantes.

Assim, “Cadeia” se destaca do conjunto de produções científicas sobre encarceramento feminino principalmente por sua escritura e forma de ver as mulheres na prisão: apesar de não adotar um tom explícito de denúncia, a obra apresenta dúvidas e matizes sobre as razões do encarceramento como ressocialização. Reforçando os argumentos acima expostos, pode-se afirmar que a problematização proposta pela obra é feita de forma inovadora: é sensível à realidade da prisão e procura se aproximar, sem julgamentos, das vivências das mulheres.

Diniz também explicita no livro seu lugar privilegiado de pesquisadora, que pode falar ou silenciar na produção de conhecimento e escrever sobre histórias verdadeiras, e não deixa de apresentar na própria escrita sua posição de quem vê injustiça no encarceramento daquelas mulheres. A subjetividade presente na escrita do livro certamente

provoca a comunidade acadêmica a refletir sobre como o método científico, por sua linguagem própria e critérios de verificação, pode esconder sensibilidades e marcos éticos políticos que são, ambos, responsáveis pela forma como nos movemos na pesquisa. No entanto, a subjetividade não torna o escrito menos transparente, pelo contrário: uma perspectiva feminista de pesquisa pode afirmar que é uma das formas de se “conciliar compromissos políticos e responsabilidades acadêmicas” (Diniz, 2015b: x).

A autora transmite uma mensagem forte e eficiente por meio dessas histórias, como um *catatau* de presídio — nos modos de falar do dentro, bilhete que contém história de vida e, muitas vezes, “pedido de socorro narrado com economia de palavras” (Diniz, 2015a: 26). O pedido em Cadeia, entretanto, possui *status* de afirmação científica: as histórias de vida ali contadas, com mediações do real descritas pela própria autora, são **verdadeiras** cartografias no singular de vidas dentro de uma instituição que é linha final de um caminho de abandono. E é na descrição do presídio que talvez resida a principal tese do livro: “uma máquina de produzir abandono para o

qual os sentidos da violência são múltiplos” (Diniz, 2015a: 210).

Trad. Aurora Bernárdez.

Data de Recebimento: 02/10/2015

Data de Aceitação: 09/12/2015

Referências bibliográficas

Alcoff, Linda (1991). “The problem of speaking for others”, *Cultural Critique*, 20 (20), 5-32 [=vol. 20, nº 20].

Bourdieu, Pierre. (2001). “Crítica da razão escolástica”; “As três formas do erro escolástico”. *Meditações Pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil: 19-112.

Diniz, Debora (2015a). *Cadeia: relatos sobre mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Diniz, Debora (2015b). “Introdução. Etnografia e políticas da vida”, Didier Fassin entrevistado por Debora Diniz. Coleção Pensamento Contemporâneo, Trad. Debora Diniz, Rev. Tradução Ana Terra e Soraya Fleischer. Rio de Janeiro: EdUERJ: x-z.

Diniz, Debora; Juliana, Paiva. (2014). “Mulheres e prisão no Distrito Federal: itinerário carcerário e precariedade da vida”, *Revista Brasileira de Ciências Criminais* 111, 313-328 [= nº 111].

Harding, Sandra (1993). “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista”, *Revista de Estudos Feministas*, 1(1), 7-32 [= vol. 1, nº 1].

Said, Edward (2005). “Representações do intelectual”; “Falar a verdade ao poder”, *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Cia das Letras, 19-36; 89-104.

Sartre, Jean-Paul (2008). *Qué es la literatura?*. Buenos Aires: Ed. Losada,